

A mulher e os rituais do casamento no interior de Santiago (Cabo Verde)

Maria Goreti Varela Freire Silva¹ 

Universidade de Cabo Verde

Dossiê | Dossier | Dossier

DOI do artigo: 10.22481/odeere.v7i1.10539

RESUMO

Este estudo, marcadamente descritivo, foca os rituais do casamento no interior da ilha de Santiago, nos meados do século XIX, procurando compreender como é que o casamento, um ato íntimo entre duas pessoas, podia envolver duas famílias, os vizinhos ou até duas comunidades e quais as etapas percorridas desde a manifestação de interesse do jovem pretendente pela rapariga, até ao casamento. Assim, começa-se por fazer a contextualização de um casamento tradicional, arranjado e realizado, no interior de Santiago, passando pelas diferentes etapas, desde o pedido de noiva aos preparativos que antecedem o dia da cerimónia religiosa e uma série de rituais realizados na residência dos pais da noiva ao longo do dia do casamento, e à noite, antes e depois da consumação do matrimónio. Esta pesquisa bibliográfica, documental e de campo, baseada em entrevistas semiestruturadas, pretende contribuir para a descrição do casamento tradicional, recorrendo a testemunhos de figuras reconhecidas da cultura tradicional e de alguns anciãos respeitados na sua comunidade. Foi possível concluir que tanto o namoro como o casamento, nos dias que correm, são arranjados e realizados em moldes diversos e que os rituais envolventes pouco ou nenhuma relação têm com os eventos descritos no presente trabalho.

Palavras chave: rituais, casamento, interior da ilha de Santiago, Cabo Verde.

The woman and the rituals of marriage in the countryside of Santiago (Cape Verde)

ABSTRACT

This largely descriptive study focuses on marriage rituals held in the interior of the island of Santiago, Cape Verde, in the mid-19th century, in order to, first, understand how marriage, an intimate union between two people, could involve two families, neighbours or even two communities and, second, what were the steps taken since the young suitor's expression of interest in a girl to the actual marriage. The paper starts by contextualizing a traditional arranged wedding held in the interior of Santiago. Then, different stages of the process are analysed: the act of asking for the bride's hand, preparations for the day of the religious ceremony, a series of rituals carried out in bride's parents house leading to the wedding day, and the night before and after the consummation of the marriage. This bibliographical, documentary and field research based on semi-structured interviews aims to contribute to the description of a traditional marriage by collecting and analysing testimonies of well-known traditional culture figures and a number of respected community elders. The study concludes that nowadays, both courtship and marriage, are arranged and conducted in different ways and that the surrounding rituals have little or no relationship with the 19th century procedures described in the present work.

Keywords: rituals, wedding, interior of the island of Santiago, Cape Verde.

Submetido em: 29/03/2022 | **Aceito em:** 26/04/2022

Introdução

Cabo Verde é um arquipélago formado por dez ilhas, sendo uma desabitada, situado na Costa Ocidental da África, descoberto pelos portugueses em 1460. O

¹ Professora da Universidade de Cabo Verde, é Doutora em **Linguística Aplicada** pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa; Mestre em Língua e Cultura Portuguesa (Universidade de Lisboa) e Licenciada em Língua e Cultura Portuguesa (Universidade de Lisboa); Bacharel em Estudos Cabo-verdianos e Portugueses (Antigo Instituto Superior de Educação/ Escola de Formação Professores de Cabo Verde). Assistente graduada na Universidade de Cabo Verde desde 2008, é membro da Cátedra Eugénio Tavares de Língua Portuguesa, da Equipa Nacional do Vocabulário Ortográfico Nacional (IILP), e da Comissão Científica para a área disciplinar de Línguas e Literaturas, na Universidade de Cabo Verde. E-mail: maria.freire@docente.unicv.edu.cv

início do seu povoamento ocorreu dois anos mais tarde, dando origem a uma sociedade constituída por dois grupos étnicos: brancos europeus e negros africanos que mais tarde veio a originar um povo mestiço com hábitos, crenças, valores e tradições próprios.

Este é um estudo marcadamente descritivo do casamento tradicional, no interior da ilha de Santiago, destacando os seus diferentes momentos, desde a peculiar forma de “arranjar” noiva, os cuidados postos na preparação, na realização e na consumação deste ato que liga duas pessoas, mas também duas famílias e, por vezes, mesmo duas comunidades.

Embora o casamento seja um tema rico que pode ser analisado em diferentes perspetivas, o nosso interesse assenta-se nos rituais, no seu conhecimento e na descrição.

A metodologia utilizada combinou pesquisa bibliográfica, documental e entrevistas semiestruturadas em que se procurou conhecer as particularidades do casamento à moda antiga. A investigação de terreno foi feita, de novembro de 1999 a maio de 2000, em Lém Pereira e Várzea da Igreja – São Domingos, Achada Lém – Santa Catarina, Veneza - Calheta, Principal – Tarrafal e ainda em Santa Cruz, localidades do interior de Santiago. Apesar desta localização, fizemos referências a outros espaços, apenas a título de exemplo.

Não se tratando de um inquérito exaustivo, valoriza o aspeto qualitativo, selecionando, de entre os possíveis informantes, pessoas ligadas à cultura, como é o caso de Nácia Gomi, António Denti D’oro, Ano Nobo e o nosso avô Rúben Freire, de 95 anos. A descrição é feita obedecendo à ordem cronológica dos acontecimentos, conforme manda a tradição.

Em termos temporais, consideramos aquele que se deduz do vocábulo tradicional, isto é, o antigo, o que na atualidade² apenas existe em zonas “remotas”, com forte tendência a desaparecer. As nossas principais fontes situam-se cronologicamente na primeira metade do século XX, havendo algumas fora deste período. À semelhança das extrapolações de ordem geográfica, fizemos por vezes referências à atualidade, quer para confirmar a continuidade de uma dada prática, quer para indicar o seu desaparecimento.

² Estudo realizado no ano 2000.

Os antecedentes

Todas as sociedades possuem uma cultura e uma identidade. A identidade cultural do povo cabo-verdiano funde-se no cruzamento das características próprias de duas civilizações (a europeia e a africana), da qual emergiu a mestiçagem, e é conservada como uma realidade sempre presente, de geração em geração. Como resultado desta miscigenação, surge também o mestiço que passou a ser um importante elemento na divulgação e na afirmação da identidade cultural cabo-verdiana (Madeira, 2014, p.9).

No casamento tradicional, identificam-se diferentes momentos, perfeitamente distintos e quase sempre assinalados por um ritual que é repetido de geração em geração. Até à realização da cerimónia, vários antecedentes congregam a intervenção de várias pessoas, entre noivos, familiares, amigos, vizinhos e, por vezes, toda a comunidade.

O casamento deixa assim de dizer respeito a duas pessoas para se transformar em assunto da comunidade. Várias etapas marcam a ascensão dos noivos ao casamento, quais obstáculos eles devem ultrapassar, para, sem mácula, passarem à fase seguinte.

Conquista e namoro

A conquista e o namoro constituem a primeira etapa de um casamento. Este era realizado sob diversos auspícios dependendo, de entre outros fatores, dos costumes da localidade, da época em que se vivia e dos fatores defendidos pela sociedade.

No interior de Santiago, mais concretamente em Santa Catarina, de acordo com Rúben Freire, um dos nossos entrevistados, o rapaz acompanhava uma moça (de longe) nas suas trajetórias feitas em busca de lenha, na ribeira, quando ela ia buscar água ou então a lugares também afastados da casa à procura de palha para os animais. O rapaz, estando a gostar de uma menina, andava munido de "midju iládu³" no bolso, que lhe oferecia em vez de reбуçados ou chocolate, usados nos tempos atuais. Quando a moça aceitava, era um sinal do seu interesse pelo rapaz. Este, estando sem milho, também, para chamar a atenção da menina, atirava pedrinhas na sua direção despertando nela algum sentimento que podia

³ Milho iliado.

ser positivo ou negativo para o jovem pretendente.

A conquista e a fase do namoro decorriam nos lugares mais afastados da casa: na ribeira ou em lugares próximos das encostas e era do conhecimento apenas dos dois jovens e, por vezes, dos amigos íntimos. Por isso, os encontros eram feitos furtivamente, uma vez que os pais não podiam tomar conhecimento dos “atrevimentos” da filha que, geralmente, era muito bem guardada, para ser entregue virgem ao homem que viria a ser o seu marido.

A rapariga, aceitando o namoro, dava um sinal ao rapaz que podia ser: uma pedrinha, uma mola para o cabelo ou qualquer outra coisa (Ribeiro, 1962, p. 10). Mediante este sinal, ele podia fazer o pedido que consistia em entregar uma folha de papel selado ao pai da noiva.

A moça escolhida, normalmente era observada com muito cuidado pelo rapaz, a fim de se inteirar do seu comportamento e desempenho como mulher que tomaria por sua esposa, mãe dos seus filhos, dona do seu lar; que cuidaria dos seus afazeres domésticos; que trataria dos seus animais e daria conta de tudo o que fizesse parte dos seus bens e sobretudo alguém com quem construir a sua vida, porque o casamento era realizado relativamente cedo (Ribeiro, 1962).

É de salientar o facto de que muitos casamentos eram feitos, segundo a vontade dos pais, sem nunca os jovens terem oportunidade de opinar. Sendo assim, a conquista e o namoro não eram possíveis de se concretizar. Aconteciam casos em que o rapaz gostava de uma moça e comunicava aos pais o facto e estes imediatamente negociavam o casamento com os pais da noiva, que apenas tomava conhecimento que se ia casar, gostando do noivo ou não, era uma decisão, uma vez tomada, irrevogável.

A moça “achando” casamento, não podia negar, por isso cortejada ou não, casaria. Acontecendo muitas vezes casos em que ela só conhecia o rapaz no dia do casamento. Já nos casos em que um rapaz não pudesse arcar com as despesas de um casamento, depois de uma combinação prévia com a rapariga, combinava o rapto dela com pessoas reconhecidas pela sua conduta na sua localidade e levava-a para a sua casa onde viveriam em união de facto, isto é, mancebia. Entretanto, o rapto (tirar de casa) era feito segundo rituais próprios.

Ao longo do namoro, todos os passos da moça eram rigorosamente vigiados, a fim de se evitar qualquer contacto que pudesse pôr em causa a sua pureza. Essa vigilância tomava proporções curiosas, quando a moça era muito prendada e

tinha vários pretendentes. Nestes casos, o rapaz chegava mesmo a roubá-la “tra di casa”, levando-a para a sua casa, onde ele passaria a viver, dormindo num colchão ou esteira diante da cama dos sogros que, desta forma lhe evitavam de qualquer aproximação íntima com o rapaz. Assim preservada, ela fazia os trabalhos domésticos até ao dia do casamento, de acordo com um dos nossos informantes.

É de se referir, contudo, que esta situação se reporta a casos excepcionais, sendo a normalidade caracterizada pela residência da noiva em casa dos pais até ao casamento. A passagem desta fase à seguinte era marcada pelo pedido de noiva. Este representava a decisão do rapaz de desposar a rapariga, ocorrendo normalmente após algum tempo de namoro. Contudo, casos havia em que o rapaz, desde o início do namoro, mandava pedir a mão da rapariga. Independentemente do momento da decisão, o pedido de noiva era organizado segundo um ritual enraizado no tempo, como a seguir se descreve.

Pedido de noiva

Para se fazer o pedido, não havia uma regra fixa. Podia-se mandar uma carta aos pais da noiva, um grupo de familiares, pessoas idóneas podiam fazê-lo, ou então como acontecia em Santa Catarina, o rapaz entregava uma folha de papel selado (papel de almaço), ao pai da noiva (Amaral,1964). Logo a seguir discutiam as possibilidades financeiras do jovem, caso fosse favorável, tomava o papel e guardava-o no local mais seguro da casa.

O pedido, geralmente, era feito, e ainda hoje, pelos pais do noivo e na falta destes pelos padrinhos, pelos tios mais velhos ou por pessoas de confiança do noivo e as suas “companhas”, de acordo com a data discutida e marcada pelas duas famílias com muita antecedência.

Antes de se chegar a qualquer discussão, os visitantes falavam ao dono da casa sobre “algo” que viram no seu quintal que lhes interessava sobremaneira e que gostariam de saber como agir para consegui-lo para fulano de tal. Daí começavam então as negociações, depois de uma série de rodeios e o pedido aceite terminava sempre em festa, mas não sem antes chamar a moça para se certificar se era ou não responsável pela presença daquelas pessoas em casa. Havendo concordância, chorava muito como sinal de que era moça digna.

O pedido era aceite tendo em conta as qualidades comportamentais do noivo e as posses, como forma de se saber qual era o destino da filha. Os bens

eram valorizados em terra, gado e na própria mão de obra apresentada aos pais da noiva. O rapaz sentia-se na obrigação de comparecer nas terras do pai da sua pretendente para trabalhar duramente, durante um dia, para provar que era trabalhador e forte o suficiente para sustentar a sua futura mulher e filhos. Para a moça, o teste consistia em: carregar à cabeça um recipiente com água, uma criança às costas, uma trouxa de roupa nos braços e levar pela corda uma vaca. Se fosse capaz de dar conta de tudo ao mesmo tempo, já podia casar-se.

Por exemplo, no concelho do Tarrafal, a comitiva que pedia a noiva, levava uma garrafa de grogue embrulhada num pano branco e se a resposta fosse positiva bebia o grogue e levava a garrafa vazia. Em caso negativo, a garrafa retornava intacta. O rapaz nunca participava do grupo, porque a ele competia esperar o resultado sem que pudesse presenciar as discussões.

Quando o pedido não era aceite, o jovem podia contornar a situação raptando a moça de casa. E uma vez arrebatada, os pais dela já não teriam forças para contrariar o casamento ou qualquer outro tipo de convivência que os jovens pretendessem levar adiante.

Em Santa Catarina, quando uma moça tinha em seu poder uma folha de papel selado, era sinal de que estava noiva. Com efeito, o pedido de noiva é o passo que antecede os preparativos para o casamento, caso fosse aceite pelos pais da noiva, constituindo um passo muito importante na vida dos dois jovens.

A preparação da festa

Logo após o pedido da noiva e a sua concessão, começavam os preparativos para a festa que incluíam a preparação dos papéis, a aquisição do traje, a organização da boda, os convites e a preparação dos noivos, especialmente da noiva. Os primeiros preparativos eram de ordem jurídica. Tratava-se de tirar todos os documentos necessários: certidões de registo, certidões de batismo, publicação na Igreja e no Cartório Notarial, fase genericamente designada de "trata papel".

Não menos importante que os assuntos ligados à documentação, era a aquisição do vestido de noiva e do fato para o noivo, ambos a cargo deste último. As suas condições económicas ditavam o tipo de roupa para o grande dia. Nos tempos mais recuados o noivo podia mesmo apresentar-se descalço no dia do casamento, desde que fosse de fato, o que nos tempos atuais seria inconcebível.

Hoje em dia, a indumentária pode ser importada do estrangeiro e o casamento é realizado com muito aparato, embora não respeitando muitos dos rituais tradicionais.

Antes do casamento, esperado ansiosamente pelos noivos, familiares, vizinhos e amigos, o pároco das respetivas freguesias de origem dos nubentes fazia a publicação, na Igreja, durante três semanas consecutivas, para se provar a inexistência de impedimentos que pudessem pôr em causa a realização do casamento.

A “Purbicaçan” (Publicação) na Igreja pelo padre no fim da missa dominical, justifica-se pelo facto de a Igreja ser o lugar onde se concentra o maior número de pessoas, podendo a população inteira tomar conhecimento da intenção dos noivos, que, por sua vez, são avisados previamente pelo padre, que serão publicados e vão à Igreja assistir.

A publicação dos noivos, ainda hoje é feita, uma vez que a população a ser informada é na sua maioria analfabeta⁴, ao contrário do que acontece com a população urbana que vai à Conservatória ler o edital que é publicado regularmente, como forma de se tornar pública a pretensão dos noivos.

Nos dias da “Purbicaçan”, os noivos vestiam-se de branco e a noiva a partir daí passava a usar um rosário branco ao pescoço, uma corda branca no cabelo (um penteado usado no interior por mulheres e crianças) e deixava de sair à noite para que não fosse apanhada pelo “Chuchu” (Diabo), porque ele também se interessava por ela, e se houvesse oportunidade até ao casamento podia apanhá-la. Segundo o compositor Ano Nobo, o Chucho aqui podia ser um outro pretendente que poderia raptar a noiva para evitar o casamento.

Antes da festa propriamente dita, na casa da noiva, era içada uma bandeira branca, à semelhança do que acontece na ilha de Santo Antão. Dois dias antes do casamento, tanto na casa da noiva como na casa do noivo.

Aproximando-se o dia da boda, os vizinhos, os amigos e os familiares juntavam-se para ajudar nos preparativos, já com o levantamento de um toldo para abrigar as pessoas do sol ou chuva, conforme o tempo. O toldo era e ainda é feito de lona ou palha de cana, ocupando uma área bastante ampla. O casamento era marcado para os meses de abril, maio ou junho, acontecendo

⁴ Nos dias de hoje ainda se procede assim, mas o índice de analfabetismo reduziu consideravelmente.

também em julho, mas com menos frequência. Por um lado, nesses três primeiros meses, para que os noivos, já marido e mulher, pudessem ir trabalhar nas “águas”, por outro, porque as pessoas idosas acreditavam que agosto traria desgosto e os outros meses subsequentes eram desaconselháveis, em virtude da escassez de comida armazenada (Amaral, 1964, pág. 273).

Na preparação da festa de casamento, os homens eram responsáveis pela armação do toldo, pela matança de porcos, “capados” e outros animais, dependendo das possibilidades financeiras dos pais de quem se casava. As mulheres ocupavam-se em limpar e lavar as “tripas” dos animais, cuidavam da comida e recebiam com toda a alegria os convidados que chegavam na ocasião.

A família da noiva elegia um despenseiro que cuidava, e ainda, hoje, cuida das “djudas” que chegavam da casa dos vizinhos, amigos ou familiares, em milho, feijão ou outros produtos da terra e em tempos mais recentes os amigos ofertam em dinheiro ou qualquer coisa que sirva como recheio para a nova casa.

Durante oito dias, antes do casamento, também havia um acontecimento muito importante, que era o Pilão – o preparar do milho para os diversos pratos que constituíam a ementa. Ali eram chamadas mulheres que entendiam do ofício do Pilão com batimentos ritmados “Bota Colecho”, que é uma prática ainda usada: consiste em três pessoas a trabalhar num pilão, com uma melodia e ritual próprios, em que homens também são chamados a participarem para avivar o ritual. Entretanto, para além das três pessoas que batiam no pilão, havia uma quarta pessoa que batia no corpo do pilão (do lado de fora). Do produto do pilão eram preparados os mais diversos pratos como: xerém, massa com capado ou porco, feijoada e cachupa para os dias mais próximos da data por causa da presença de familiares que moravam em localidades mais distantes cuja presença era imprescindível.

De acordo com a nossa informante Nácia Gomi, o xerém era um prato muito importante na ementa de qualquer casamento, mas a sua preparação dependia exclusivamente do noivo, uma vez que nos casos em que ele tivesse algum caso amoroso com outra mulher, antes de se decidir pelo casamento, não se podia cozinhar o xerém, porque acreditava-se e acredita-se que se a mulher, que foi sua anteriormente, apanhasse ou mandasse apanhar o xerém que era secado ao sol e mandasse fazer “um mal feito”, a noiva morreria. Se o noivo não se apresentasse como homem que tivesse “rapariga”, o famoso xerém era um dos pratos principais

da festa.

Nas vésperas do casamento em que os preparativos eram redobrados para que a comida e a bebida fossem suficientes e os convidados fossem bem recebidos, os cuidados também com a noiva eram redobrados, para evitar a sua aproximação do noivo, uma vez que podia trazer azar e também para se conservar a noiva pura, sobretudo porque era um imperativo a sua permanência em casa, para refletir no grande passo que daria na sua vida.

Durante o dia, os preparativos da festa e a sua organização eram as maiores preocupações, mas à noite, quem era alvo de todas as atenções era a noiva que permanecia no quarto para pensar na sua vida, nas suas responsabilidades futuras e era alvo das batucadeiras que eram expressamente convidadas para animar a noite e todo o dia do casamento.

A cantiga resumia-se nas responsabilidades, na mudança da noiva para uma nova realidade onde ela seria dona e senhora, nas suas obrigações como esposa, de se sujeitar, respeitar, obedecer ao marido, de ser bem casada como os pais, o que a fazia derramar muita lágrima.

Ao longo da noite chegava a madrinha do casamento com as suas “companhas”. Ao aproximar-se, mandava atirar um foguete que era respondido imediatamente e ao mesmo tempo um grupo saía para a receber com batuque e muita bebida. A partir da sua chegada, a madrinha tomava conta da noiva até à consumação do casamento.

Os preparativos, no entanto, não eram feitos apenas na casa da noiva. O noivo também fazia festa para os seus amigos, embora com menos aparato do que a noiva, porque a festa propriamente dita só se realizava na casa do noivo, na manhã que sucedia ao casamento, dependendo da seriedade da noiva e do valor que ela levava (virgindade). No entanto, o padrinho também procedia com os mesmos rituais na preparação do seu afilhado, apesar do movimento ser de menor intensidade na casa do noivo.

Bisti noiva⁵

Como relata (Ribeiro, 1962), ao chegar a madrugada do dia do casamento, a madrinha começava a preparar a noiva para a cerimónia que teria lugar dentro

⁵ Vestir a noiva.

de algumas horas, começando com o banho da purificação que era um ritual que ela cumpria independentemente de qualquer fator. Depois do banho, penteava e vestia a noiva. O vestido era normalmente branco e comprido, combinando com um véu branco que lhe cobria totalmente a face – ou apenas um lenço branco, caso a família fosse de poucas posses – e finalmente colocava-a no assento. Este consistia numa cadeira devidamente ornamentada com lençóis ou colchas, colocada num ponto estratégico da casa, onde a noiva permanecia até ao momento em que o noivo fosse buscá-la. Este, por sua vez, na sua casa e com o seu padrinho seguia o mesmo ritual.

Logo que estivesse pronta e no “assento” vinham as batucadeiras para tomá-la como tema de “finaçon⁶”. Ritualmente a noiva chorava como nunca antes tinha feito, pois se não chorasse ali, não precisaria fazê-lo no dia da morte do marido, porque o dia era “tamanho”. Ali, no assento, a noiva não se mexia de maneira nenhuma e ouvia tudo resignadamente. Nhô António Denti d’Oro, compositor de “Finaçon”, no seu estilo peculiar, dedica num dos seus trabalhos, a composição intitulada “Cantiga de noivado”, que era a despedida entoada antes dos últimos momentos da partida da noiva para a igreja.

A realização do casamento

O casamento pode ser entendido como o corolário de uma série de etapas que normalmente se iniciam pelo namoro ou por uma decisão familiar e se prolongam por vários outros momentos. Destes, o mais esperado é o facto em si, isto é, o casamento com a cerimónia religiosa e a festa ou boda, além da consumação do ato, transformando os noivos em marido e mulher.

Partida para a Igreja

O dia da cerimónia inicia-se cedo, como se referiu anteriormente, continuando com a partida dos noivos em comitiva para a Igreja, em momentos e circunstâncias diferentes de lugar para lugar. Em Santa Catarina, em tempos mais recuados, à semelhança do que acontecia em outras ilhas e localidades do interior de Santiago, a noiva era transportada numa égua branca com uma sela própria para as senhoras.

⁶ Música ou cantiga.

De acordo com o testemunho de um dos patriarcas de 95 anos de idade de Achada Lém, Santa Catarina, nem todas as noivas tinham possibilidades de se casarem a cavalo, porque apenas os indivíduos abastados tinham cavalos. Outros, porém, mesmo sendo abastados, não se casavam a cavalo, porque preferiam ir a pé para serem abençoados pela “Nossa Senhora de bem casados”.

Segundo uma outra testemunha, que vive na povoação acima referida, natural de Principal, no concelho do Tarrafal, algumas pessoas casavam-se de burro porque não tinham possibilidades de obter uma égua branca. Desta feita, “vestiam” o burro com um lençol branco, colocando sobre a sela um outro igualmente branco, onde a noiva se sentava.

Antes da partida da noiva para a Igreja, o noivo chegava para tomá-la, evitando ficar num plano superior à casa, o que segundo a crença popular poderia provocar infelicidade (Amaral, 1964, p.226). E os padrinhos de batismo da noiva vinham abençoá-los, mas se um dos dois fosse viúvo, ou os dois, chamavam uma pessoa ou duas de confiança e reconhecidas pela sua conduta para abençoar os noivos antes da partida. Era um momento solene, não apenas em Santiago, mas também nas demais ilhas.

Em S. Nicolau, os noivos ajoelhados numa esteira pediam remissão pelas faltas que acaso tivessem cometido até irem formar o seu lar, o que Lopes Filho (1978, p.95) designa de “perdão”. Na altura da partida para a Igreja, devia ter-se em consideração o comportamento pré-nupcial do noivo, pois acreditava-se que à semelhança do que podia acontecer com o xerém, se uma rapariga “amigada” com o rapaz visse a noiva durante o trajeto e lhe acenasse com um lenço preto, ela morria. Para evitar estes contratemplos, a partida fazia-se muito cedo, no “lusco-fusco”.

Muitas vezes, porém, a partida de madrugada, tinha mais a ver com a distância da casa à Igreja e com a hora marcada para a cerimónia do que com eventuais crenças e agoiros.

O casamento

Do ponto de vista histórico, considera-se que “o casamento foi a primeira instituição estabelecida pela religião doméstica” (Coulanges, s/d, p. 47). A cerimónia do casamento ocorria, tradicionalmente, na Igreja católica depois de uma missa que era celebrada com a presença dos noivos, sem que os dois

precisassem de uma outra cerimónia civil, e conservando a noiva o véu, que era levantado pela madrinha, logo depois de concluída a cerimónia e já declarados marido e mulher.

Logo de seguida, no átrio da Igreja alguém lançava um foguete enquanto os sinos eram dobrados, anunciando mais um matrimónio. A assinatura do livro de registos era ato contínuo com a presença do pároco e dos padrinhos. Cumpridas as formalidades, os noivos acompanhados dos padrinhos e convidados, saíam da Igreja em direção à casa dos pais da noiva.

O regresso dos noivos

Depois da cerimónia religiosa, os noivos retornavam à casa dos pais da noiva onde se seguiam alguns rituais, nomeadamente, a preleção da cerimónia feita na igreja, apenas com a diferença de ser em língua materna. A viagem era feita em direção à casa da noiva para dali seguir definitivamente para casa dos pais do noivo que era adotada como sendo a nova morada até poderem adquirir a sua própria casa, segundo os costumes antigos do interior de Santiago.

Estando os noivos próximos da casa, um mensageiro de cavalo veloz aproximava-se da casa com um lenço branco dependurado na extremidade de uma haste, mas o núncio retomava parte no cortejo, desta feita, levantava outra bandeira que costumava ter um caniço na extremidade do qual se punha um pão com carne ou ovo e na falta absoluta destes, cuscut ou mandioca destinados aos noivos que estavam em jejum. Todas as raparigas casadoiras faziam questão de receber um bocadinho deste pão que, para elas, significava o mesmo que o tradicional ramo para as raparigas da cidade (Ribeiro, 1962, p. 11).

Quando o cortejo chegava à porta principal da casa da noiva, o pai, a madrinha ou qualquer pessoa de representação no meio, fazia uma repetição em crioulo da cerimónia do casamento ou exortava a noiva ao cumprimento dos seus deveres de esposa, dona de casa e outras. O noivo fingia que ia entrar, voltava as costas, andava uns metros e fazia isso três vezes seguidas, para só depois entrar em casa onde se ia juntar à mulher (Ribeiro, 1962).

À mulher era dada a responsabilidade de cuidar da casa mantendo tudo muito limpo, a comida preparada a horas, a roupa do marido lavada e passada. Também deveria renovar a água do pote todos os dias, não pedir satisfação ao marido sobre as suas saídas, não exigir o cumprimento do seu dever como homem

(sexual) e teria a função de “tchabi” (chave) de casa. O seu lugar era em casa. Significando os gestos do homem que o seu lugar é na rua e, como tal pode entrar ou sair a seu belo prazer.

À semelhança do que acontecia em Santo Antão, o noivo, durante a festa, devia estar sempre atento, porque os amigos fariam de tudo para lhe “roubar a noiva” e escondê-la, obrigando-o a procurá-la. Se não conseguisse encontrá-la, seria obrigado, juntamente com a madrinha, a recuperá-la mediante o pagamento de uma certa quantia. Caso o noivo encontrasse a noiva escondida, os autores seriam punidos com o pagamento de uma quantia cujo montante era afixado por um tribunal, sendo os membros escolhidos entre os participantes da festa.

À hora de saída para a casa do noivo, a noiva fingia querer ficar (agarrava-se à porta, gritava, chorava para ficar), mas o padrinho ia tomar a noiva para a entregar ao seu afilhado, o que tornava o momento da partida muito triste e motivo para choro por parte das pessoas que acompanhavam a noiva. Nesta altura, era acompanhada por muitos dos seus convidados, entre eles os mais importantes: a madrinha e as batucadeiras que cantavam uma “finaçon” que a fazia chorar ainda mais.

Um momento de grande aflição por parte da noiva, dos pais desta, da madrinha, dos familiares do noivo e do próprio noivo era vivido quando os nubentes eram obrigados a buscar a intimidade do quarto nupcial, após um dia cansativo, cheio de exigências e de pressão, enquanto, cercados pelas boqueiras, se aguardava o veredito final – noiva virgem ou não. “A questão da virgindade da mulher antes do casamento era algo sério e não apenas exclusivamente do foro íntimo dos noivos, porque toda a comunidade tinha o direito de saber e opinar sobre a noiva ser “menina nova e sem avaria na jóia” (Almeida, 1994, p.44). Porém, antes de se chegar a qualquer desses momentos, mesmo antes de entrarem em casa, os noivos tinham de ser abençoados.

Bênção aos noivos

A bênção constituía um outro grande momento, não só por ter lugar imediatamente antes da cerimónia religiosa, mas sobretudo por encerrar uma série de advertências. Por isso, antes de partir, os noivos deviam ser abençoados e logo que chegavam também tinham um outro momento para serem abençoados, e

desta vez a bênção era muito mais cerimoniosa.

Esta primeira bênção era dada no momento em que o noivo ia buscar a noiva para partirem para a Igreja. Esta ficava ao lado do padrinho e noivo ao lado da madrinha, em pé na rua, para a receberem. Esta bênção era dada pela madrinha ou padrinho da noiva (batismo) ou qualquer pessoa com grande aceitação na comunidade.

A outra, já com o regresso dos noivos da Igreja, era mais demorada e dada primeiramente à noiva, que entrava em casa, e depois ao noivo, que se juntava à esposa no assento, mas essa segunda bênção era mais uma série de advertências sobre a vida dos pais, do seu casamento, cujo exemplo os recém-casados deviam seguir. Tais recomendações eram feitas quando os dois estavam juntos, ainda, à porta principal.

Noite de núpcias

Como ponto mais alto de um casamento, a primeira noite do casal era assunto de domínio público, onde a virgindade da noiva era uma questão de honra, e não era um assunto íntimo dos noivos, porque a comunidade inteira tinha o direito de saber e opinar sobre a noiva ser “bedja” ou “noba”. Por isso, após a cerimónia religiosa, e as respetivas cerimónias “domésticas”, entre eles, o banquete, as bênçãos e a festa, a noiva era conduzida pela madrinha e suas “companhas” à casa que doravante lhe pertenceria. A madrinha, no seu papel de responsável pela noiva, arranjava o quarto, preparava a noiva para receber o seu marido no que deveria ser o seu primeiro encontro íntimo - sexual. A cama era preparada com lençol branco que, dependendo da “seriedade” da noiva, deveria ser manchado pelo sangue da virgindade.

Ao noivo cabia o dever de desflorar a noiva na primeira noite, por ser o ato uma espécie de serviço obrigatório e inadiável que era exigido pela madrinha, pela comunidade inteira, pelos pais da noiva, que aflitos esperavam, pelo resultado, para saberem o destino da noiva ou para provarem a todos que a filha fora bem-educada, guardada e que fora entregue ao marido virgem (Almeida, 1994).

Em Santa Catarina, na Localidade de Achada Lém, uma das nossas entrevistadas, de 93 anos, contou-nos que na sua primeira noite com o já falecido marido, depois da cerimónia religiosa, a festa em casa continuou até à noite e que

ela ficou sempre bem acompanhada pelas mulheres mais velhas ali presentes. Numa altura em que elas acharam por bem, lavaram-na, embrulharam-na num pano grande, levaram-na para o quarto e meteram o marido lá dentro, fecharam a porta e ficaram atrás desta. Quando acharam que era tempo suficiente, perguntaram se estava tudo pronto. Tendo o marido respondido que não, deram mais algum tempo, e voltaram a perguntar. E fizeram a mesma pergunta várias vezes até atingir o objetivo, isto é, o marido respondeu que sim. Então as mulheres entraram no quarto, tiraram o pano da cama e depois de dobrado, a madrinha levou-o, assim como a noiva, para a festa que, entretanto, redobrou. As pessoas presentes ofertaram em dinheiro e outras coisas mais, conforme permitiam as oportunidades e bens.

No interior de Santiago bem como noutras ilhas, se, ao cumprir a tarefa, o noivo descobrisse que a noiva não era virgem, na manhã seguinte levantava-se com uma perna das calças enrolada até ao joelho e andava pelas redondezas assim trajado para dar a todos o conhecimento da sua desventura, ou no pior dos casos, ele podia devolver a noiva aos pais, por aquela o ter enganado.

A devolução de uma noiva "constituía uma verdadeira tragédia, mil vezes pior do que uma moça solteira de família remediada ficar grávida: era logo declarado em casa um luto carregado para toda a família, com portas e janelas cerradas, todos os vizinhos, parentes e conhecidos comparecendo para apresentarem aos pais as suas condolências, exactamente igual a um caso de nojo. A repudiada ficava trancada no quarto e na sala as visitas falavam sempre em voz muito baixa e só as pessoas que tivessem recebido grandes ofensas da família enlutada não compareciam a solidarizar-se com a desgraça." (Almeida, 1994, p.46)

Por outro lado, ao se comprovar que a noiva era virgem, o noivo levantava-se e com uma pistola ou espingarda disparava um tiro pela janela ou porta, anunciando com isso que a noiva era virgem (Senna, 1987).

No dia seguinte às núpcias, tanto em Santiago como, por exemplo, na ilha da Boavista, "os parentes mais chegados eram reunidos para verem o lençol branco, já retirado da cama e colocado em lugar discreto, as manchas de sangue visíveis, ficando assim a noiva fora de toda e qualquer hipótese de suspeita, presente ou futura." (Almeida, 1994, p.47)

Considerações finais

O casamento tradicional, no interior de Santiago, era marcado por diferentes momentos e algumas práticas dos quais se destacam: a participação da família na escolha da noiva e na decisão sobre o casamento; a existência de uma linguagem própria para os jovens se aproximarem e firmarem compromisso; a vinculação do casamento à igreja, reforçando o seu caráter sagrado; a organização do casamento em etapas bem diferenciadas, cada uma com os seus cuidados específicos e o peso de terceiros ao longo de todas as etapas, particularmente na noite de núpcias.

O casamento “na sua forma tradicional em Cabo Verde desempenha um papel de grande relevância na cultura, por encerrar valores antropológicos que auxiliam na definição psicossocial do arquipélago de Cabo Verde, não só pelo acto do sacramento em si, mas pelas manifestações e rituais que marcam a vida matrimonial dos cabo-verdianos. Pela dinâmica e evolução social, o casamento sofreu modificações sistemáticas, mas não se perderam em absoluto os traços tradicionais, principalmente os rituais subjacentes a este acto sociocultural. Os rituais de casamento em Cabo Verde têm as suas especificidades no universo das sociedades cristãs.” (Madeira, 2014, p.12).

Hoje, o casamento conserva o sentido de passagem de um estado a outro, continua a constituir motivo de grande regozijo confirmado por festa, presentes, encontro de familiares e amigos. No entanto, diversos aspetos do ritual tradicional, tal como o descrevemos ao longo do trabalho, deixaram de ser seguidos, sobrevivendo apenas nos meios mais vinculados à tradição.

Fatores como o estilo de vida cada vez mais urbano e ocidentalizado, com forte influência do exterior, nomeadamente, através da televisão e do cinema; a libertação dos jovens que têm hoje maior autonomia para decidirem sobre a sua vida, especialmente, em matéria de constituir família; a diversificação das religiões e a laicização do Estado que ao desvincular-se de uma religião, obriga a que todo o casamento seja confirmado pelo civil, sob pena de ficar inválido; os progressos na educação, nomeadamente, a sexual, e a liberalização dos costumes influenciam fortemente as atitudes face ao casamento, nos diferentes momentos, especialmente nos tabus e mistérios que rodeavam este ato. Certas práticas são postas de lado: caso do namoro às escondidas, da rigorosa prova da virgindade, havendo muitos jovens que se iniciam sexualmente antes do casamento.

Estas mudanças, refira-se, são mais visíveis nos meios urbanos, enquanto que no campo os pais continuam a ter alguma força na decisão dos jovens, e certos rituais ainda são mantidos, se bem que com grandes modificações.

Referências

Almada, André Álvares de. **Tratado breve dos rios da Guiné do Cabo Verde**. Lisboa. Ed. L.A.M. 1964.

Almeida, Germano. **A ilha fantástica**. Mindelo. Ilhéu editora. 1994.

AmaraL, Ilídio do. **Santiago de Cabo Verde: a terra e os homens**. Memórias de J.I.U. Lisboa. Nº 48.1994.

Coulanges, Fustel de. **A cidade antiga**. Livraria Clássica Editora. Lisboa. s/d.

Lopes Filho, João. **Contribuições para o estudo da cultura cabo-verdiana**. Lisboa. ED. ULMEIRO.1983.

Lopes Filho, João. **Cabo Verde: subsídios para um levantamento cultural**. Lisboa. Plátano editora.1981.

Lopes Filho, João. **Estória. Estória**. Lisboa. Ulmeiro. 1978.

Lucas de Senna, Manuel Roiz. **Dissertação sobre as ilhas de Cabo Verde – 1818**. Anotações e comentários de António Carreira.1987.

Madeira, João Paulo. O processo de construção da identidade e do estado-nação em Cabo Verde. **Revista Vozes dos Vales**: Publicações Acadêmicas. Nº6, ano III, 2014.

Ribeiro, Maria Luísa. "Apontamentos Etnográficos sobre a ilha de Santiago". In: **Boletim de Propaganda e Informação**. Nº 149. Ano XIII.

Travassos Valdez, Francisco. África Ocidental. **Notícias e considerações**. Lisboa. 1864.